



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DE VITÓRIA DE SANTO ANTÃO**

ARIANNE LARISSA DOS SANTOS SILVA SOUZA

O LEGADO DA PEDAGOGIA SOVIÉTICA

VITÓRIA DE SANTO ANTÃO

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DE VITÓRIA DE SANTO ANTÃO
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO DESPORTO

ARIANNE LARISSA DOS SANTOS SILVA SOUZA

O LEGADO DA PEDAGOGIA SOVIÉTICA

TCC apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Vitória, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Renato Machado Saldanha

VITÓRIA DE SANTO ANTÃO
2018

Biblioteca Setorial do CAV.
Bibliotecária Jaciane Freire Santana, CRB4-2018

S719l Souza, Arianne Larissa dos Santos Silva
O legado da pedagogia soviética/ Arianne Larissa dos Santos Silva Souza. -
Vitória de Santo Antão, 2018.
27 folhas; il.

Orientador: Renato Machado Saldanha.
TCC (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, CAV, Licenciatura
em Educação Física, 2018.

1. Pedagogia Socialista. 3. Educação - Filosofia. 3. Revolução Russa. I.
Saldanha, Renato Machado (Orientador). II. Título.

370.1 CDD (23.ed.)

BIBCAV/UFPE-209/2018

ARIANNE LARISSA DOS SANTOS SILVA SOUZA

O LEGADO DA PEDAGOGIA SOVIÉTICA

TCC apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Vitória, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Aprovado em: 11 / 12 / 2018.

BANCA EXAMINADORA

Profº. Ms Renato Machado Saldanha (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Profº. Dr. Marco Antônio Fidalgo Amorim (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Profº. Sérgio João da Silva (Examinador Externo)
Universidade Estadual de Pernambuco

Ao amor da minha vida, minha mãezinha, D. Nenen.

AGRADECIMENTOS

Agradecer primeiramente a Deus, pois com Ele, por Ele e para Ele são feitas todas as coisas.

Aos meus familiares, que foram a minha base em todos os momentos da minha vida e que sempre me apoiaram quando eu mais precisei. Em especial à minha mãe, que sempre foi o meu alicerce, me incentivou e esteve do meu lado nos melhores e piores momentos. Minha felicidade é a sua e eu ousou dizer que esse TCC é nosso!

Aos meus amigos mais antigos, que sempre vibraram e torceram com minhas conquistas. Sem esquecer dos amigos que a graduação me proporcionou, verdadeiros presentes na minha vida, que estiveram comigo em tantos momentos de agonia e de felicidade. Sem citar nomes para não ser injusta e esquecer alguém, mas todos tem um espaço especial em meu coração.

E por último e não menos importante, ao meu professor e orientador Renato Saldanha e o grupo de estudos CoRE, que acreditou no meu potencial e me ajudou no meu crescimento tanto acadêmico quanto pessoal.

RESUMO

A vitória bolchevique na Revolução Russa de Outubro de 1917 deu início a um período histórico fértil de possibilidades naquele país. A revolução não se restringiu apenas a uma mudança no sistema político e econômico, alcançando também o âmbito escolar. Educadores revolucionários da época se dedicaram a estabelecer as bases de uma nova educação soviética, onde a escola deveria ser modelo da nova sociedade, na criação de uma nova geração, envolvendo-se profundamente na formação de um novo ser humano. Portanto este trabalho tem como objetivo compreender os antecedentes e o legado da pedagogia socialista, através de uma revisão bibliográfica, onde foi o mesmo foi dividido em três tópicos: Revolução Russa, Pedagogia Socialista e Considerações Finais. Acreditamos que mesmo após um século dessa experiência, ainda seja válido fazer uso dos princípios dessa pedagogia e pensá-la no âmbito da educação física.

Palavras-chave: Revolução Russa. Pedagogia Socialista. Bolcheviques.

ABSTRACT

The Bolshevik victory in the Russian Revolution of October 1917 ushered in a fertile historical period of possibilities in that country. The revolution was not restricted to a change in the political and economic system, but also to the school environment. Revolutionary educators of the time set out to lay the foundations of a new Sovietic education, where school should be the the new society's model, in the creation of a new generation, deeply engaging in the formation of a new human being. Therefore, this work aims to understand the background and legacy of socialist pedagogy, through a bibliographical review, where it was divided into three topics: Russian Revolution, Socialist Pedagogy and Final Considerations. We believe that even after a century of this experience, it is still valid to make use of this pedagogy's principals and think about it within the scope of physical education.

Keywords: Russian Revolution. Socialist Pedagogy. Bolshevik.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 REVOLUÇÃO RUSSA.....	10
3 PEDAGOGIA SOCIALISTA.....	16
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
5 REFERÊNCIAS.....	26

1 INTRODUÇÃO

A vitória bolchevique na Revolução Russa de Outubro de 1917 deu início a um período histórico fértil de possibilidades naquele país. A revolução não se restringiu apenas a uma mudança no sistema político e econômico, mas também tornou possível (e, muitas vezes, necessário) a redefinição de diversos outros aspectos da vida social, se espalhando das relações de trabalho à arte. A instituição escolar, pela sua importância no processo de reprodução social, não poderia ficar alheia a essas mudanças. Educadores revolucionários, como Moisey M. Pistrak, Viktor N. Shulgjin e Nadyezhda K. Krupskaya, sob o comando do Comissário do Povo para Educação (espécie de Ministro da educação soviético) Antoli Lunatcharski, se dedicaram a estabelecer as bases de uma nova educação soviética, engajada na construção de uma sociedade sem classes.

A grande preocupação na época era como a escola poderia ajudar a consolidar a revolução socialista, já que as crianças e os jovens tinham um papel fundamental nisso. A escola deveria ser modelo da nova sociedade, na criação de uma nova geração, envolvendo-se profundamente na formação de um novo ser humano. Fundamentada no materialismo histórico dialético, ela deveria proporcionar a compreensão da vida completa e o desenvolvimento da capacidade de trabalhar, estudar e viver coletivamente, preparando o jovem para uma atuação social mais ativa e crítica.

Aos objetivos revolucionários não bastava, portanto, apenas ampliar a velha escola tsarista. Era preciso uma escola que estivesse engajada na construção de uma sociedade sem classes. Era preciso deixar de lado a pedagogia da palavra e passar a ser uma pedagogia da ação (uma escola que tivesse o trabalho como princípio educativo, e não promovesse a divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual). Da mesma forma, uma escola que elegeisse a auto-organização e a participação real na produção social como base do processo pedagógico, preparando para uma participação social igualmente ativa. “Na escola do trabalho as crianças e jovens se educam produzindo objetos materiais úteis, e prestando serviços necessários à coletividade” (SANTANA, 2006, p.79)

As atividades escolares devem associar-se a atividades extraescolares, devidamente orientadas, com tarefas que possibilitem o exercício da responsabilidade e da autonomia, segundo as condições e possibilidades das

crianças e dos jovens (SAVIANI, 2011, p.31).

Mesmo passado um século dessa experiência, ocorrida em um contexto histórico e cultural bastante diferente do nosso, acreditamos que os princípios da pedagogia socialista e as formulações de seus autores ainda podem nos ser úteis para pensar a escola contemporânea.

Ou seja, a partir da apropriação crítica das obras (Livros e artigos) que tratam sobre a experiência de formulação de uma pedagogia socialista nos primeiros anos pós-revolução russa, acreditamos que ao compreender os fundamentos dessa proposta, futuramente possa se pensar as possibilidades do ensino da Educação Física nesses termos.

Tendo como objetivo compreender os princípios e o legado da pedagogia soviética, visto que são poucos os trabalhos que retratem este tema, este trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica, a partir de livros e artigos disponíveis em seus principais autores, que realizou uma análise dos antecedentes e dos princípios da pedagogia socialista.

Buscamos, para isso, nos aproximar do pensamento de tradição marxista, realizando uma “crítica radical” sobre a pedagogia socialista.

Por crítica radical entendemos uma compreensão de qualquer fenômeno social que tenha como ponto de partida ou pressuposto a raiz da realidade social, vale dizer, as relações que os homens estabelecem entre si na produção dos bens materiais necessários à sua existência. Isso implica a compreensão do processo histórico e social, com todas as suas mediações, que resultou naquele determinado fenômeno. Constatar o caráter histórico e social de todos os fenômenos sociais significa, por sua vez, fundamentar a possibilidade de uma transformação também radical do mundo (TONET, 2013, p. 66).

Ou seja, nossa análise da pedagogia socialista buscou compreender os fundamentos (históricos, filosóficos, pedagógicos, políticos, epistemológicos) que dão forma e dinâmica para esses fenômenos, compreendendo-os sempre como uma produção humana, portanto atravessada por interesses e contradições.

Este trabalho foi dividido em dois tópicos, um traçando a trajetória que levou à Revolução Russa, e o outro mais específico sobre a Pedagogia Socialista, e por último as considerações finais. Para o estudo dos mesmos, utilizamos de livros dos seus principais formuladores publicados em Português (atualmente, temos obras de Kruspkaya, Pistrak e Shulgin publicadas no Brasil), além de artigos disponíveis na base de dados Scielo e Google Acadêmico.

2 A REVOLUÇÃO RUSSA

A Revolução Russa é, sem dúvidas, o acontecimento histórico mais importante do século XX. É impossível compreender a dinâmica política e econômica internacional que se seguiu sem considerar o significado e a influência desse episódio. Para o bem ou para o mal, o mundo nunca mais seria o mesmo. Com ela, a “revolução socialista” entra efetivamente em pauta para os trabalhadores, como algo possível de se realizar.

Com a Revolução de 1917, o que até então era uma ideia marginal, uma consigna política, uma proposta acadêmica ou uma expectativa guardada na intimidade do mundo operário transformou-se em matéria, em realidade visível, em existência palpável (LINERA, 2018, p. 23).

Mas como isso foi possível? A Rússia do início do século XX era um país marcado por contradições e tensões crescentes, entre forças modernizantes e conservadoras. No campo político, seguia sendo governada por um czar, em uma monarquia absolutista e autocrática que passou incólume pelas revoluções burguesas que varreram o esse modelo de governo da Europa durante o século XVIII e XIX.

Na economia, da mesma forma, a maioria da população ainda vivia no campo, onde persistiam relações semi-feudais, embora polos industriais importantes comesçassem a se formar nas principais cidades, dando origem a um operariado industrial cada vez mais conectado com as ideias revolucionárias do proletariado internacional.

As contradições desse modelo combinado de desenvolvimento se agravavam pela participação da Rússia nas disputas imperialistas, que marcavam o período. Não por acaso, durante a guerra com o Japão (1904-1905) tivemos o primeiro ensaio revolucionário. As dificuldades advindas do esforço de guerra, somada as inúmeras mortes ocasionadas também pela fome e o frio, motivaram uma multidão a marchar até o Czar, em São Petersburgo, carregando imagens religiosas e retratos do “paizinho” Nicolau II, e pedindo providências. A pacífica manifestação de cerca de 140 mil operários, porém, foi recebida a tiros pela guarda do Palácio de Inverno do czar, em um episódio que ficou conhecido como “domingo sangrento”. O número de

mortos é incerto, mas supera um milhar. No mesmo dia, ao anoitecer, começaram as primeiras barricadas nos bairros operários, iniciando-se, assim, a revolução de 1905.

A partir daí, e durante todo o ano de 1905, inúmeras greves e confrontos armados ocorreram. A cada levante que a tropa derrubava, outros surgiam. A revolução chegou ao seu auge no mês de dezembro com a insurreição armada em Moscou, greve geral e barricadas.

Mas em 1905 a classe operária ainda era fraca, e não tinha os instrumentos e a organização necessária para a tomada do poder. Mesmo após uma grande resistência, a revolução foi esmagada a ferro e fogo e as organizações de esquerda reduzida a destroços. Apesar da derrota, a revolução de 1905 forneceu um rico aprendizado à população e aos grupos revolucionários, deixando como legado a organização da classe operária em sovietes, criados nas jornadas revolucionárias.

A Revolução Russa de 1905, assim, apresentou o significado revolucionário dos conselhos operários (sovietes) e proporcionou a sua primeira formulação teórica e, junto com as novas experiências revolucionárias do proletariado, tornou um capítulo especial da história do movimento revolucionário do proletariado (VIANA, 2010).

Mas, para que a próxima tentativa revolucionária tivesse sucesso, foram necessários anos de preparação, com a paciente propagação de ideias revolucionárias.

Todas as forças comprometidas na luta de 1905 estão agora melhor iluminadas pela luz dos acontecimentos de 1917. O Outubro Vermelho, como costumávamos chamá-lo então, no espaço de doze anos transformou-se em outro Outubro, incomparavelmente mais poderoso e vitorioso (TROTSKY, p.13, 2006).

Passados 12 anos, em 1917, a Rússia se encontra mais uma vez devastada. As promessas de flexibilização do sistema czarista não se concretizaram, e a política repressiva e violenta contra a população permanecia. A participação em um novo conflito bélico, a Primeira Guerra mundial, agravava novamente as condições de sobrevivência do povo russo, e inflamava a oposição.

O primeiro passo para a eclosão ficou conhecida como Revolução de Fevereiro, quando uma marcha pelo dia das mulheres acabou se tornando em um protesto contra a atual situação da Rússia. “Nenhuma propaganda foi necessária para incitar essas mulheres a agir” (HASEGAWA, 1981, apud MURPHY, 2017, p.

217). Vendo seus filhos e maridos morrendo na guerra e de fome, as manifestantes logo tiveram a adesão massiva de amplas camadas de trabalhadores.

Essa manifestação se generalizou a ponto de “No dia seguinte, o movimento grevista dobrou para 158 mil, tornando-se a maior greve política da guerra” (MURPHY, 2017). Enfrentando a polícia, os manifestantes se mantiveram firmes até a renúncia do Czar Nicolau II, que só aconteceu em março. A queda da monarquia fez com que surgisse a dúvida de qual seria a melhor forma de governar o país. A decisão foi que a futura forma de governo do país seria, por um determinado tempo, uma Assembleia constituinte, autodesignada de ‘Governo Provisório’. O mesmo assumiria as responsabilidades do antigo Conselho de Ministros do império.

O governo provisório de Kerensky era um governo de ampla coalizão, que abarcava os partidos da burguesia russa (como os “cadetes”, do KDT – partido democrata constitucional, e os “outubristas” da União de 17 de Outubro) e setores da esquerda reformista (como os SRs - socialistas revolucionários - , e a fração manchevique do POSDR – Partido Operário Social Democrata Russo). Era um governo titubeante, que buscava manter sob controle o humor revolucionário ganhando tempo com promessas, enquanto adiava as medidas radicais que as massas exigiam, como a saída da guerra e a reforma agrária.

Junto ao novo governo, ressurgem também as organizações populares que haviam sido criadas em 1905, os sovietes. No início de março de 1917, o Soviete dos Deputados Operários e Soldados de Petrogrado aprova uma resolução conclamando as divisões militares a formarem comitês eleitos, com representação dos mais baixos escalões das divisões, que assumiriam o controle sobre as ações das forças armadas. Qualquer ordem do Estado, a partir de então, só deveria ser obedecida se não entrasse em contradição com a orientação dos sovietes. Cria-se, assim, um duplo poder, do qual os revolucionários tirarão proveito.

A partir principalmente da intervenção de Lênin, que retorna do exílio em princípios de abril, o setor mais a esquerda do POSDR, os bolcheviques, buscam se diferenciar da política de conciliação do Governo Provisório. Denunciando a incapacidade desse governo de atender as demandas da população, os bolcheviques passam a defender “todo o poder aos sovietes”, e nenhum apoio ao Governo de Kerensky. Resumindo os anseios mais imediatos da população na palavra de ordem “Paz, Pão e Terra” (Saída da primeira Guerra Mundial, comida para todos, e uma reforma agrária que distribuisse terras aos camponeses), os

bolcheviques ampliam rapidamente sua influência sobre as massas. Esse slogan simples, porém, brilhante, foi o pilar das Teses de Abril escritas por Lênin. Nelas, o líder Bolchevique lança o programa revolucionário, dando uma resposta clara e completa a todas as questões que agitavam a Rússia revolucionária.

O prestígio do governo provisório cai definitivamente por terra quando, ao perseguir implacavelmente seus opositores e no enfrentamento aos soviets, Kerensky contribui para tornar possível uma tentativa de golpe pela direita. Em agosto de 1917, o general Kornilov reúne forças contrarrevolucionárias em torno de si, e tenta tomar o poder. Mas a resistência de milhares de operários, sob influência dos bolcheviques, frustra seus planos, e recoloca na ordem do dia para as massas a importância de se aprofundar a revolução.

A luta de classes se acirrava, e finalmente, em outubro de 1917, sentindo que as condições estavam postas, os bolcheviques (que já eram, a essa altura, a principal força entre os soviets), conclamam à insurreição armada. Na madrugada do dia 25 de outubro, pontos-chaves da capital começam a ser tomados pelas forças revolucionárias. Primeiro o Correio Geral, ocupado por um destacamento de marinheiros, soldados e membros da Guarda Vermelha, enquanto tropas do Comitê Militar Revolucionário ocupavam estações de trem, pontes importantes, o Banco do Governo, as emissoras de rádio e as redações dos jornais. À noite, as unidades revolucionárias tomariam de assalto o Palácio de Inverno, último baluarte do governo burguês.

O papel de estopim oficial da Terceira Revolução – após a de 1905 e a de Fevereiro – coube à guarnição do Cruzador Aurora, um bastião bolchevique, sob controle de um comitê revolucionário e de um comandante eleito pela marujada, Aleksander Belyshev, um operário têxtil convocado pela Marinha, 24 anos. Após deslocar-se pelo rio até defronte ao Palácio de Inverno, o Aurora fez, às 21h45 de 25 de outubro (7 de novembro), os disparos de seu canhão de proa (de 152 mm) contra o Palácio, assinalando simbolicamente o início da insurreição. Em seguida, operários, soldados e marinheiros de Kronstadt investiram contra o edifício por terra (JOFFILY, 2017, p. 30).

A revolução socialista bolchevique encerraria o ciclo das três revoluções russas (1905, fevereiro de 1917 e outubro de 1917), e abriria a possibilidade para os trabalhadores de todo o mundo, pela primeira vez na história, da construção de uma nova ordem social que não se apoiasse na exploração do trabalho pelo capital.

Mas nada disso estava garantido. No primeiro ano pós-revolução, além de

resolver os problemas imediatos causados por tantos anos de guerra e protestos, outros desafios se apresentavam. O maior deles a era o de garantir a própria consolidação do comando revolucionário. É o que retrata Jofilly (2017): A imprensa estrangeira dava como certo que o poder dos Sovietes sucumbiria em semanas, no máximo dois ou três meses. Inclusive os próprios bolcheviques sabiam que a revolução só teria sucesso se ela se tornasse internacional.

Logo após assinar o tratado de paz, que a retirou da Primeira Guerra Mundial, a Rússia se viu mergulhada em uma guerra civil que durou até o ano de 1921. Contrariados pela saída unilateral da guerra, e temerosos de que o exemplo dos trabalhadores russos se espalhasse pelo globo, 14 países enviaram tropas e financiaram o que seria o Exército Branco, contrarrevolucionário, formado por forças ligadas ao antigo regime czarista, eles se ergueram e declararam guerra ao Exército Vermelho. Socialmente, a Guerra Civil foi um combate entre os operários e camponeses pobres, vermelhos, e as potências interventoras, latifundiários, burgueses e kulaks, Brancos (JOFILLY, 2017).

A Guerra civil foi sangrenta e computou-se milhões de mortes de combate, fome e doenças oriundas da guerra. Por conta dos fatores contrários a contrarrevolução, os Generais Brancos tombaram um a um. “Os Exércitos Brancos foram dissolvidos e desapareceram. Os exércitos da intervenção se retiraram. A paz com a Polônia foi firmada. As fronteiras europeias da Federação Soviética foram traçadas e consolidadas” (Deutscher, 1968, apud OYAMA, 2017, p.14).

Após tantos anos de conflitos, com a participação na primeira guerra, revoluções e guerra civil, a Rússia era um país arrasado. Por todo o país havia a devastação, a fome, a desorganização, a ruína quase que total da economia russa e a desintegração de sua estrutura social.

A revolução russa inicia a construção do socialismo enfrentando duas situações que não haviam sido previstas nem por Marx e Engels, nem pelos bolcheviques. A primeira, de ordem internacional: construir o socialismo sem contar, por um período relativamente longo, com o apoio econômico e o desenvolvimento tecnológico dos países mais adiantados. A segunda, de ordem interna: iniciar a construção do socialismo, não somente em um dos países mais atrasados da Europa, mas, além disso, em um país arruinado por sete anos de guerra, cujas forças produtivas encontravam-se reduzidas ao mínimo. A maioria de seus melhores operários mortos na guerra civil, e uma grande parcela dos restantes direcionada para tarefas do governo; suas fábricas paralisadas por falta de matérias-primas e de homens, em razão da guerra e do bloqueio econômico imperialista; seus campos

reduzidos a uma ínfima produtividade, consequência de uma errada, mas compreensível política de confisco de todos os excedentes agrícolas para enfrentar a fome que castigava a população civil e os soldados na linha de frente; seu nível cultural baixíssimo, com um alto grau de analfabetismo (HARNECKER, 2012, p. 49).

Após os anos de guerra, a classe trabalhadora fora quase dizimada, restando apenas um vestígio dela. Era preciso adotar medidas que pudessem reconstruir o país, matar a fome do povo e não permitir a quebra da aliança Bolchevique com o campesinato.

Era preciso reconstruir o país, mas não como ele era antes. Para construir a sociedade sem classes que se almejava, era necessário modificar não apenas as relações sociais de produção, ou as prioridades da administração pública. Fazia-se necessário também forjar “um novo homem”. Era necessário, portanto, uma nova educação, que fizesse a escola e a revolução andar juntas, e fosse pensada para atender aos interesses da classe trabalhadora. Era preciso pensar uma “Pedagogia Socialista”, que consolidasse entre as próximas gerações, as conquistas revolucionárias de 1917.

3 PEDAGOGIA SOCIALISTA

A direção revolucionária tinha um grande desafio pela frente. Como construir o novo, quando falta o básico? Após a tomada do poder pelos bolcheviques, a Rússia estava em ruínas. Era preciso retomar a produção agrícola e industrial para garantir as necessidades básicas de sobrevivência da população. Mas reconstruir tudo, da forma como era antes, significava reestabelecer a velha sociedade czarista, que tanto se havia lutado para derrubar.

Era preciso reconstruir o parque produtivo e a sociedade em outras bases. Que superasse a herança czarista e semi-feudal, e a substituísse pelo que havia de mais avançado na humanidade. Para Lênin, a educação não podia ser pensada fora dos problemas econômicos, sociais e políticos maiores. A destruição do antigo regime, a construção de uma nova sociedade, dependia da participação ativa de todos, e portanto, exigia a educação política das classes operárias.

A República dos Sovietes herdou do czarismo uma população operária e camponesa virtualmente analfabeta e inculta. Foi nesse sentido que Lenin ressaltou a importância de saber ler e escrever, de ser culto para se entender os acontecimentos, a realidade, o que está acontecendo em termos de política interna e externa, o jogo das forças políticas e sociais as quais estamos submetidos e das quais participamos. Ou seja, a educação política exige a elevação do nível cultural da população a todo custo, mas a premissa para isso é saber ler e escrever, o que também era uma necessidade para a reconstrução econômica da sociedade (OYAMA, 2014. p. 56).

Os revolucionários da época tinham o difícil papel de formar a consciência da juventude da cidade e do campo que, por hora, se encontrava faminta e em sua grande maioria analfabeta ou pouco escolarizada, para a defesa dos ideais e conquistas revolucionários. Nesse sentido, reconstruir e ampliar a escola czarista não interessava. Era preciso uma nova educação.

Os desafios dos primeiros anos seriam: livrar-se da herança da escola antiga (manuais impregnados da ideologia burguesa, ênfase em abordagens religiosas, chauvinismo, métodos adestradores, resistência reacionária do magistério); dotar o ensino de novo conteúdo e novos métodos; ligar a escola com a vida, aproximando a da população; propiciar a compreensão da vida concreta e o desenvolvimento da capacidade de trabalhar, estudar e viver coletivamente (SAVIANI, 2011, p. 29).

Era necessário que a escola e revolução andassem juntas, visto que a escola

sempre foi uma arma nas mãos da classe dominante, fazendo com que uma minoria subordinasse a maioria aos seus próprios interesses. Considerando isso, grandes especialistas da área da educação se dedicaram a criar novos programas e métodos. Alguns nomes de educadores revolucionários, como Nadeja Krupskaja, Moisey Pistrak, Antoli Lunatcharski, Viktor Shulgin e até o próprio Lênin, se esforçaram para formular uma “Pedagogia Socialista”.

Neste sentido, podemos argumentar que Pedagogia socialista se refere a um grande campo de autores e obras que procuraram pontuar aspectos centrais da prática educacional tomando como centro a escola e a luta de classes, elencando, a partir das tradições marxista e anarquista, os aspectos centrais da dominação de classe na escolarização, pela divisão social do trabalho, bem como o lugar estratégico da escola para trabalhadores na organização das lutas revolucionárias (GOLOVATY, 2017, p. 216).

É claro que esses autores não partiram do zero. A pedagogia socialista só poderia ser construída a partir da reflexão sobre experiências e formulações pedagógicas anteriores. A ideia de uma educação para todos, por exemplo, não era nova. Martin Lutero, figura central da reforma protestante, no século XVI, já defendia a escola obrigatória, como forma de facilitar a leitura da bíblia pelos fiéis. Depois dele, Frederico I, rei da Prússia, instituiu em 1717 a frequência obrigatória às escolas, e dedicou-se a construir escolas laicas e estatais. O objetivo do monarca, por sua vez, era reforçar o domínio ideológico do Estado sobre as massas, com uma educação dedicada a incutir comportamentos mecânicos, irrefletidos, que reforçavam a tríade liberal, família (bom filho), trabalho (cidadão obediente), e pátria (soldado obediente) (MARTINS FILHO; ROCHA, 2018).

A Revolução Francesa pôs novamente em pauta a universalização da educação, como um instrumento na luta contra o poder da nobreza e do clero. A Lei Lepelletier (do período Jacobino, em 1793) previa educação pública (dever do Estado), gratuita, obrigatória, laica e igual para todos (embora diferenciasse a educação de meninos e de meninas). Porém, como esse período de radicalização da revolução foi curto, essa lei nunca chegou a vigorar (MELO, 2011).

A partir de meados do século XIX, são os trabalhadores organizados que passam a empunhar a bandeira da educação como um direito de todos. Porém, já partindo da reflexão sobre a intencionalidade da educação na Prússia, iniciam um debate sobre que tipo de educação realmente atenderia aos seus interesses de classe. No Manifesto do Partido Comunista, redigido em 1848, Marx e Engels

estabelecem pautas mínimas para as organizações comunistas, e indicam:

Educação pública e gratuita para todas as crianças. Supressão do trabalho fabril de crianças, tal como praticado hoje. Integração da educação com a produção material [...] (MARX; ENGELS, 2008, p. 44).

Poucas décadas depois, a defesa de uma educação como interesse do trabalhador, desde que estivesse integrada à atividade produtiva, à sua vida, aparece novamente nas resoluções da Associação Internacional dos Trabalhadores (1864-1872). Os trabalhadores organizados percebiam que não era qualquer educação que os atendiam. Era preciso lutar por uma formação omnilateral, que rompesse com a dicotomia entre prática e teoria.

Assim, o ensino integral proposto pelos operários [nas reuniões da AIT, em 1867] compreendia a educação intelectual, física, tecnológica, não fragmentada, na perspectiva laica, para todos e obrigatória. A bandeira “escola oficina” significava a educação pelo trabalho, diferente da educação para o trabalho praticada na sociedade capitalista (MELO, *op.cit*, p. 122);

A ideia de um ensino público, gratuito, laico, obrigatório e comprometido com o desenvolvimento multilateral dos sujeitos, vai novamente guiar a breve experiência da Comuna de Paris, em 1871. Uma das primeiras atitudes desse primeiro governo operário da história, foi justamente abrir as escolas para todos:

Todas as instituições de ensino foram abertas ao povo gratuitamente e ao mesmo tempo purificadas de toda interferência da Igreja e do Estado. Assim, não somente a educação se tornava acessível a todos, mas a própria ciência se libertava dos grilhões criados pelo preconceito de classe e pelo poder governamental (MARX, 2011. p.57).

Todas essas experiências e formulações educacionais serviram de ponto de partida para o trabalho dos pedagogos revolucionários russos. O desafio era pensar uma educação que formasse as novas gerações comprometidas com a luta dos trabalhadores. Segundo Lenin: Esta geração só poderá aprender o comunismo se ligar cada passo de sua instrução, de sua educação e de sua formação à luta incessante dos proletários e dos trabalhadores contra a antiga sociedade dos exploradores (LENIN, 2015, p. 33).

A educação era, portanto, estratégica para a superação do caráter burguês, e para a construção de uma sociedade sem classes. Portanto, o desafio dos pedagogos russos era materializar em uma prática educativa o legado de reflexões e

formulações dos trabalhadores organizados, uma educação que permitisse a juventude nutrir-se do que havia de mais avançado na ciência, fundada na unidade dialética entre teoria e prática, entre trabalho intelectual e manual, no trabalho, na solidariedade e na valorização do conhecimento acumulado pela humanidade.

O objetivo fundamental da escola é, portanto, estudar a realidade atual, penetrá-la, viver nela. Isso não quer dizer, certamente, que a escola não deva estudar as ruínas do passado; não, deve estudá-las, e assim será feito, mas com a compreensão de que são apenas ruínas do passado e de que seu estudo deve ser iluminado à luz da realidade atual no sentido já indicado, à luz da luta travada contra o passado e da transformação da vida que deve levar à sua liquidação (PISTRAK, 2011, p. 26).

A escola tinha como objetivo principal desenvolver a compreensão e a valorização de vida social. Isso a obrigava a ter, como princípio educativo, a própria vida, o trabalho humano.

Uma pedagogia de cunho socialista concebe o trabalho como princípio educativo e, aliado a ele: a apropriação crítica e criativa dos conhecimentos acumulados pela humanidade como imperativo para a emancipação dos trabalhadores; a escola como instrumento de educação da personalidade humana; o papel da educação escolar na formação multifacetada das jovens gerações; a mesma educação para ambos os sexos; o trabalho como eixo central dos conteúdos e das atividades escolares, implicando a necessária relação entre ensino geral e politécnico (SAVIANI, 2018, p. 233).

O ser humano, no materialismo histórico dialético, é um ser essencialmente ativo, que transforma o mundo e a si mesmo através de seu 'trabalho'. Não consideramos aqui 'trabalho' apenas como um 'emprego', atividade econômica ou 'ganha pão' do trabalhador. Mas sim como uma atividade consciente e transformadora do homem sobre a natureza, que busca desta forma produzir as condições para sua existência. Trata-se, portanto, de nossa ação fundante, sem a qual não há humanidade, nem homem. O trabalho, então, torna-se a base da vida.

O trabalho é fundamento do ser social porque ao transformar a natureza, cria a base, também material, indispensável ao mundo dos homens. Ele possibilita que, ao transformarem a natureza, os homens também se transformem. E essa articulada transformação da natureza e dos indivíduos permite a constante construção de novas situações históricas, de novas relações sociais, de novos conhecimentos e habilidades, num processo de acumulação constante (e contraditório, como veremos). É esse processo de acumulação de novas situações e de novos conhecimentos – o que significa novas possibilidades de evolução – que faz com que o desenvolvimento do ser social seja ontologicamente (isto é, no plano do ser) distinto da natureza (LESSA; TONET, 2011, p. 26).

Portanto, embora na sociedade capitalista o trabalho seja alienado, fonte de exploração e desumanização dos sujeitos, a emancipação humana e a superação dessa ordem social passam necessariamente pela emancipação do trabalho, e pelo reconhecimento do aluno como integrante da comunidade internacional dos trabalhadores. Para isso, não bastava reproduzir na escola, de modo simulado e descontextualizado (como proposto por algumas 'pedagogias ativas' burguesas), o trabalho da fábrica. Era preciso engajar o aluno na cadeia de produção real, inseri-lo desde cedo no cotidiano dos trabalhadores.

O trabalho na escola, enquanto base da educação, deve estar ligado ao trabalho social, à produção real, a uma atividade concreta socialmente útil, sem o que perderia seu valor essencial, seu aspecto social, reduzindo-se de um lado, à aquisição de algumas normas técnicas, e, de outro, a procedimentos metodológicos capazes de ilustrar este ou aquele detalhe de um curso sistemático (PISTRAK, 2011, p. 30).

Nessa nova pedagogia, o trabalho se torna o eixo central dos conteúdos e atividades escolares. Não apenas por seu significado ontológico, mas também para a construção de uma nova sociedade socialista e pela necessidade de uma industrialização da Rússia.

Portanto, não se tratava de simplesmente reformular os programas de ensino. Tratava, isso sim, de organizar a escola em outras bases, que superasse o verbalismo e a desconexão com a vida real, tendo o trabalho como princípio educativo. O objetivo era formar um novo sujeito, capaz de compreender as bases da indústria moderna como um todo, compreendendo seu surgimento e desenvolvimento, e as múltiplas e complexas relações que se estabelecem em uma cadeia de produção.

Em um país que se industrializa rapidamente, é preciso que os aprendizes tenham uma ideia da produção em seu conjunto, conheçam em que direção se desenvolve a técnica e saibam trabalhar em qualquer máquina, quer dizer, que possuam cultura geral do trabalho e conheçam em geral a matéria. Quem adquiriu uma preparação desse tipo se adapta facilmente às mudanças constantes da técnica (KRUPSKAYA s/d, p. 164 apud SAVIANI, 2011, p.33).

Foi pensando nesses princípios que surgiu o Politecnismo, que visa a relação íntima entre o estudo e o trabalho coletivo. Krupskaya (2017) nos diz que o politecnismo é um sistema global no qual está baseado no estudo da técnica nas suas diferentes formas, tomadas em seus desenvolvimentos e em todas as suas

mediações.

Lênin afirmava que a educação jamais poderia ser apartada da realidade e, frente a uma população de 90% de analfabetos em 1918, ele empenhou-se para que fosse aprovada uma resolução que determinasse:

1- Instrução geral e politécnica gratuita e obrigatória para todas as crianças e adolescentes dos dois sexos, até os 17 anos de idade; 2- Plena realização dos princípios da escola única do trabalho com o ensino na língua materna, estudo em comum das crianças dos dois sexos, absolutamente laica, livre de qualquer influência religiosa, que concretize uma estrita ligação do ensino com o trabalho socialmente produtivo, que prepare membros plenamente desenvolvidos para a sociedade comunista (MANACORDA, 1989, p. 314-315 apud BITTAR, 2015, p. 447).

O atraso industrial da Rússia exigia a formação de profissionais que pudessem entender as bases da indústria moderna como um todo, compreendendo seu surgimento e desenvolvimento, e estando aptos a adaptar-se a qualquer função e qualquer novidade na produção. No politecnismo estuda-se a técnica nas suas diferentes formas, tanto das tecnologias naturais, que são de natureza viva, quanto às de tecnologias dos materiais, que são os meios de produção. Não seria focado uma atividade específica, mas sim uma articulação de todas as disciplinas com o trabalho socialmente útil.

O ensino do trabalho numa escola politécnica deve dar aos estudantes por um lado, os hábitos gerais de trabalho (tais como: capacidade de colocar metas específicas para o seu trabalho, planejar o seu trabalho fazer cálculos, elaborar desenhos, distribuir racionalmente o trabalho entre si, trabalhar coletivamente, habilidade de usar economicamente o material, manusear ferramentas, executar determinados detalhes acessíveis para uma determinada idade, cuidados no trabalho, etc.); por outro lado, compreende os processos de trabalho do ponto de vista técnico, a organização do trabalho, seu valor social (é claro, novamente, em correspondência com a idade e experiências de vida dos estudantes). (KRUPSKAYA, 2017, p. 152)

O objetivo era de formar trabalhadores com uma nova qualificação que não soubessem apenas fazer o trabalho manual, mas que a escola ensinasse tudo o que fosse necessário para se entender sobre a produção. Formando um trabalhador apto ao trabalho intelectual e manual. “Desse modo, um aluno formado desta maneira saberá se adaptar a todas as modificações técnicas. Este será um trabalhador com uma nova qualificação” (KROUPSKAIA, 1925, p.193 apud OYAMA, 2017 p. 63).

A escola deve estar integrada na cadeia produtiva da sociedade. Não deve “simular” uma produção, mas sim efetivamente produzir. O trabalho real, útil, é a

base da educação socialista. Para isso, os autores defendem a passagem de um ensino orientado por planos de ensino, para um ensino orientado em planos de vida. O programa das disciplinas precisa ser organizado, para isso, segundo os complexos. “Por complexo deve-se entender a complexidade concreta dos fenômenos, tomada da realidade e unificados ao redor de um determinado tema ou ideia central” (NARKOMPROS, 2009 apud PISTRÁK, 2011, p.36).

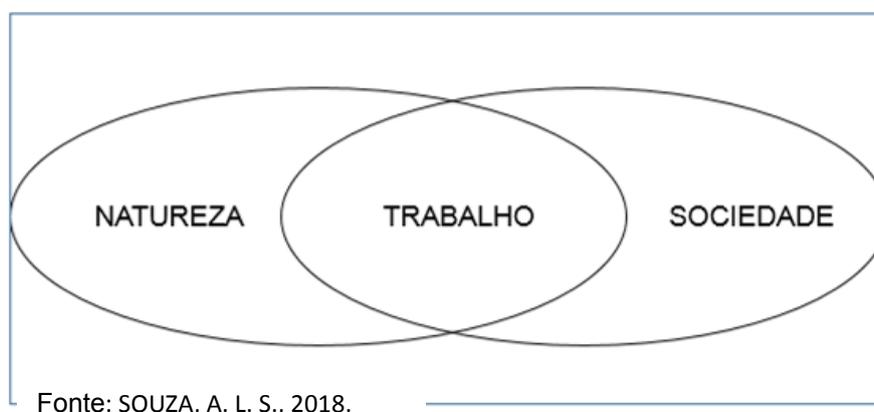
Não é ensinado ao aluno uma disciplina específica, mas se é selecionado o que realmente é relevante nas disciplinas tanto das ciências naturais e sociais. “É preciso uma articulação mútua dessas disciplinas, e uma ligação delas com atividades práticas, especialmente a articulação delas com o ensino do trabalho. Somente tal combinação pode dar um caráter politécnico ao ensino do trabalho” (KRUPSKAYA, 2017, p. 151).

Este é um método científico que requisita o estudo das coisas de forma interligadas, na sua totalidade e complexidade. Ele surge contrapondo a escola antiga e sua forma de isolamento das disciplinas, distanciando as crianças da realidade social. São “formas de integração entre as disciplinas do currículo em busca de sínteses da totalidade a partir de temas contemporâneos – a própria atualidade como o processo de continuidade da revolução (GOLOVATY, 2017, p. 222)”.

O método de ensino por complexos pode se comparar ao método dialético, pois nos fornece uma compreensão total da realidade. Gil (2008) nos afirma que a dialética fornece as bases para uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade, já que estabelece que os fatos sociais não podem ser entendidos de forma isolada, apartado de suas influências políticas, econômicas, culturais etc. Deve-se buscar compreender a complexidade concreta dos fenômenos.

Sendo o trabalho a base da vida das pessoas, a proposta é estudar a natureza e sociedade conectada ao trabalho. Os estudos se baseavam numa matriz de três colunas, uma referente à natureza, outra a trabalho e a última à sociedade: Natureza – Trabalho - Sociedade.

Figura 1: O ensino por complexos



O trabalho fica no centro do estudo e se interliga aos dois outros pontos. Ele é a atividade fundamental do ser humano, no qual se articula todo o restante, se tornando o princípio educativo. A primeira coluna corresponde a natureza, sua ligação com o trabalho nos faz escolher na vastidão dos fenômenos, os mais essenciais. A terceira coluna que corresponde ao estudo de como a sociedade se liga ao trabalho pois suas formas de organização também influenciam nas estruturas sociais. Ambas são pensadas do ponto de vista da importância delas na vida das pessoas e para a sua atividade no trabalho.

O fundamental é ensinar o aluno a pensar a realidade a partir do método dialético, compreender a realidade atual como dinâmica, não estática. O estudo deve mostrar as relações recíprocas existentes entre os aspectos diferentes dos objetos. A escolha dos complexos a serem abordados não é apenas pedagógica. Devem ser procurados no plano social, e é preciso que estejam encadeados, propiciando ao aluno uma série de generalizações sobre o fenômeno (construção de categorias do pensamento). Além disso, devem ser procurados temas que sejam geradores de ação.

O operário e o camponês necessitam desta escola e é somente com ela que abrirá os olhos para a realidade circundante; aprenderá com ela a entender, dando-se a ele o conhecimento e as habilidades necessárias para ser capaz de organizar eficazmente o seu trabalho e a sua vida. Todos nós necessitamos muitíssimo de uma nova orientação para os professores que leve sua atenção, interesses, suas forças para as tarefas e necessidades na nova sociedade, para as tarefas de elevação cultural das massas (KRUPSKAYA, 2017, p. 316).

Portanto, inspirados no materialismo histórico dialético, e no acúmulo de formulações da classe trabalhadora, o projeto de educação elaborado pelos pedagogos soviéticos envolvia uma escola única (sem divisão por sexo, e sem nenhuma barreira - exames intermediários, ou admissionais – ou diferenciação. Uma mesma escola para todos), gratuita, laica e obrigatória para todos. Que tivesse o trabalho como princípio educativo, a busca pela politecnicidade como objetivo, a organização do ensino por complexos (e não por disciplinas), e a abordagem dialética dos conteúdos como método. Esses são, podemos dizer, as bases fundamentais da pedagogia soviética.

Infelizmente, apesar de conseguir romper com a educação czarista e aniquilar com o analfabetismo da população em tempo recorde, a pedagogia socialista não conseguiu se implantar por completo. Além das dificuldades materiais, a morte de Lênin, em 1924, e a chegada ao poder de Stalin, levou a um redirecionamento político, e o trabalho nas escolas foi limitado. O que aconteceu foi “uma reorganização da escola segundo princípios mais tradicionais (divisões em classes, retomadas das ‘aulas’, de horários e programas, uso de manuais, notas e disciplinas) e a um repúdio radical de toda forma de ativismo” (Cambí, 1999, p. 559 apud Bittar).

Nada disso, porém, apaga o brilhantismo dos primeiros anos da revolução. Resgatar o legado dos pioneiros pedagogos soviéticos, e buscar aprender com essa experiência, é obrigação de todos aqueles que lutam por uma educação engajada no processo de transformação social, em busca de uma sociedade sem classes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência revolucionária de outubro de 1917 foi feita de erros e acertos. Ainda hoje, persistem na esquerda debates calorosos sobre a coletivização forçada no campo, da militarização na indústria, da restrição às liberdades políticas e culturais, e o processo de burocratização. Ainda assim, o seu gesto inicial, de afronta ao capitalismo, e de tomada de poder pelos trabalhadores, ainda segue inspirando lutas ao redor do globo. Também não se pode negar os ganhos efetivos que ela trouxe, como o pujante desenvolvimento econômico, a escolarização em massa, o avanço tecnológico (que permitiu, por exemplo, derrotar a máquina bélica nazista em 1945, e enviar o primeiro satélite à órbita da terra, em 1957), além de avanços muito significativos na saúde e na educação. O analfabetismo foi efetivamente erradicado num período relativamente curto de tempo, a educação se tornou universal e o país tornou-se rapidamente uma potência econômica e militar, inclusive rivalizando com os EUA.

A pedagogia socialista nos primeiros anos pós-revolução conseguiu romper com a educação czarista e pautar uma educação que efetivamente atendesse as demandas das classes trabalhadoras e da nova sociedade que estava se formando. A escola deveria ser modelo da nova sociedade, na criação de uma nova geração, envolvendo-se profundamente na formação de um novo ser humano. O objetivo era propiciar a compreensão da vida completa e o desenvolvimento da capacidade de trabalhar, estudar e viver coletivamente. Apesar de ela ter ocorrido um século atrás e em uma época e contexto social diferente do que vivemos atualmente, acreditamos que seus princípios ainda sejam valiosos, e inspiradores para a escola contemporânea.

Em um contexto histórico como o nosso, onde ideias como a meritocracia, o individualismo e a exploração do homem pelo homem estão cada vez mais naturalizadas, onde o obscurantismo, o fundamentalismo religioso, e ideias fascistas ganham força, é preciso retomar as nossas bandeiras históricas, o legado daqueles que lutaram antes de nós, e reconstruir nossos caminhos.

REFERÊNCIAS

- BITTAR, Marisa. FERREIRA JR. Amarello. Ativismo pedagógico e princípios da escola do trabalho nos primeiros tempos da educação soviética. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 61, p.433-455, abr.-jun. 2015.
- DEMIER, Felipe; MONTEIRO, Marcio Lauria. **100 anos depois: a Revolução Russa de 1917**. Rio de Janeiro: MAUA Editora Ltda, 2017.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Editora Atlas S.A. 2008.
- GOLOVATY, Ricardo Vidal. A pedagogia socialista de Moisey Pistrak no centenário da Revolução Russa: contribuição pelo olhar da história e da sociologia da educação. **História e Cultura**, Franca, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 213-240, mar. 2017.
- HARNECKER, Marta. **Estratégia e tática**. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- JOFFILY, Bernardo. **Pequena história de um século da grande revolução de outubro**. São Paulo: Fundação Maurício Grabois; Anita Garibaldi, 2017.
- KRUPSKAYA, Nadezhda. **A Construção da Pedagogia Socialista**. São Paulo: Expressão popular, 2017.
- LENIN, Vladimir Ilitch. **As tarefas revolucionárias da juventude**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.
- LESSA, Sérgio. TONET, Ivo, **Introdução à filosofia de Marx**. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- LINERA, Álvaro García. **O que é uma revolução?**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- MARX, Karl. **A guerra civil na França**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MARTINS FILHO, Tomaz; ROCHA, Damião. Os Fundamentos da Pedagogia Prussiana Liberal: reflexões sobre o hábito disciplinar no currículo militarista. **Revista Educação e Emancipação**, São Luís, v. 11, n. 1, p. 254-273, jan./abr. 2018.
- MELO, Wanderson F. de. A Comuna de Paris e a educação: lutas dos trabalhadores e o ensino na perspectiva da humanidade social. **História Revista**, Goiânia: UFG, v. 16, n. 2, p. 113-135, jul./dez. 2011.
- MURPHY, Kelvin. A história da Revolução Russa de fevereiro de 1917. **Revista Outubro**, edição 28, p.137-149, abr. 2017.

OYAMA, Edison Riuitiro. A perspectiva da educação socialista em Lenin e Krupskai-a. **Marx e o Marxismo** v.2, n.2, p.44-70. jan/jul 2014.

PISTRAK, Moisey M. A Escola-comuna. **São Paulo: Expressão Popular. 2009.**

PISTRAK, M. M. Fundamentos da Escola do Trabalho. 3ª edição. São Paulo, Expressão Popular, 2011.

PISTRAK. **Fundamentos da escola do trabalho.** São Paulo: Ed. Quarta, 2005.

SANTANA, Eliseu. Escola do trabalho uma pedagogia social: uma leitura de M. M. Pistrak. **Revista de Educação.** Cascavel, v. 1, nº 1, p. 77-81, jan./jun. 2006.

SAVIANI, Nereide. Concepção socialista de educação: A contribuição de Nadedja Krupskaya. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, número especial, p. 28-37, 2011.

SAVIANI, Nereide. Educação Socialista. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 10, n. 2, p. 232-239, ago. 2018.

VIANA, Nildo. A Revolução Russa de 1905 e os Conselhos Operários. **Em Debat: Rev. Dig.**, Florianópolis, n. 4 , p. 42-58 , 2010.

TONET, Ivo. **Método Científico: uma abordagem ontológica.** São Paulo: Instituto Lukács, 2013.

TROTSKY, Leon. **A Revolução de 1905.** São Paulo: Global Editora, 2006.